

3

Memória Romana / Memória Brigante

Demos sem dúvida grande demonstração de paciência; e se os tempos antigos viram o que havia de extremo em liberdade, nós o tivemos quanto à servidão, porque até o uso do falar e do ouvir, por espionarem, nos tiraram. **A própria memória teríamos perdido com a palavra, se estivesse tão em nosso poder esquecer, quanto calar.**¹ (Tradução)²

Após termos analisado no capítulo anterior a vida, a carreira e a obra de Tácito, autor da Antiguidade que mais deixou informações sobre os Brigantes, neste capítulo iniciaremos o processo de análise do corpus documental selecionado. Agora que sabemos qual era o contexto de onde o autor falava, cabe a pergunta: Quais seriam os motivos de Tácito ter escrito sobre os povos da Britânia, incluindo aí os Brigantes?

3.1

Memória

Um dos conceitos mais abordados pelos pesquisadores contemporâneos é o de “memória”. Muitos estudiosos e instituições têm se debruçado sobre o tema. São inúmeros os cursos de pós-graduação *lato* e *stricto senso* que têm formado e investido em pesquisa neste sentido. Ainda que este seja um conceito que tenha sido amplamente debatido e estudado, convém que o mesmo seja introduzido, de forma a não cairmos nas armadilhas do senso comum. De acordo com Pomian:

A memória é, em suma, o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie, com o dos outros indivíduos. No entanto, esta subida no tempo permanece sujeita a limitações muito restritivas. É sempre indirecta; com efeito, entre o presente e o passado interpõe-se sinais e vestígios mediante os quais – e só deste modo – se pode compreender o passado; trata-se de recordações, imagens, relíquias. É sempre imperfeita, porque o passado não pode, em circunstância alguma, ser simplesmente restituído na íntegra, e toda reconstrução é sempre marcada pela dúvida. Isto verifica-se por maioria de razão quando a memória recorre a recordações pessoais, que parecem tão vívidas e frescas, e que, contudo percebemos conterem uma grande parte de fantasia. E, por maioria de razão, é assim quando a reconstrução do passado se funda em vestígios, imagens

¹ Vida de Agrícola 2.

² Citação original: Dedimus profecto grande patientiae documentum; et sicut vetus aetas vidit quid ultimum in libertate esset, ita nos quid in servitute, adempto per inquisitiones etiam loquendi audiendique commercio. **Memoriam quoque ipsam cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci quam tacere.**

ou relíquias que são os suportes da memória colectiva ou transgeracional. Indirecta, imperfeita, incerta, a subida no tempo praticada pela memória é no entanto a única que temos acesso.³

Como lembrado por Catroga, estudos recentes⁴ revelaram a existência de três níveis da memória:

A *proto-memória*, fruto, em boa parte, do *habitus* e da socialização e fonte dos automatismos do agir; a *memória propriamente dita*, que enfatiza a *recordação* e o *reconhecimento*; e a *metamemória*, conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu. Devido ao seu carácter, dir-se-ia que a primeira acepção se refere a algo passivo – ao que os gregos designavam de *mneme* -, enquanto as duas últimas recobrem a noção de *anmnesis* ao significarem a procura activa por recordações. E estas se remetem para a maneira como cada um se filia no seu próprio passado e como, explicitamente, constrói a sua *identidade* e se *distingue* dos outros. Por sua vez, se as duas primeiras têm uma dimensão mais espontânea, a terceira acentua as características inerentes à chamada *memória colectiva* e *histórica* e às modalidades de sua reprodução. Mas é óbvio que todas elas se interligam, e será erro reduzir a fenomenologia da memória à espontaneidade e autarquia do eu, dado que ela também está sujeita a uma sobredeterminação social.⁵

A memória então, mesmo em suas esferas mais individuais, seria coletiva, pois a mesma seria formada continuamente através de seus pontos de contato com o mundo e com o coletivo, já que nenhum indivíduo, mesmo algum com modo de vida eremita, está totalmente imune ao que lhe cerca. Apenas o fato de sua consciência operar através de uma *langue*, já o coloca em contato (por tabela) com um universo comunitário que a pré-concebeu. O que entendemos por “memória coletiva”⁶, está diretamente relacionado com o objeto sobre o qual vamos nos debruçar neste capítulo.

Mas que tipo de relação há entre história e memória? Desde a Antiguidade os historiadores têm contribuído, ainda que nem sempre com esta pretensão, para o trabalho de “construção” de memória.

3.2

Memória no mundo greco-romano

Muito embora o conceito de “memória” tenha grande relevância na contemporaneidade, este não é um conceito que nasceu nos últimos anos, sendo já abordado e “instrumentalizado” desde a Antiguidade.

³ POMIAN, 2000, pp. 508-509.

⁴ Ao se referir a tais estudos cita Joel Candau, 1998.

⁵ CATROGA, 2001, p. 15.

⁶ HALBWACHS, 1990.

Para os gregos a figura mítica de “Mnemosine” representava a memória. Sendo que uma de suas funções principais seria a luta contra o esquecimento. Mnemosine, após ter se unido a Zeus, teria gerado então nove filhas, que conhecemos como as nove musas. Clio (História), uma destas nove, era sua filha. Percebemos já na narrativa mítica grega que “Mnemosine” (Memória) e “Clio” (História) são apresentadas como tendo um laço estreito de parentesco. Seria a “Mnemosine” aquela que gera “Clio” (História). Esta relação está tão presente na narrativa grega, que Heródoto, chamado por muitos de “o Pai da História”, escreve sua obra “Histórias” dividindo-a em nove livros que trazem o nome de cada uma das nove Musas.⁷ Boa parte da crítica feita, já pelos próprios gregos da Antiguidade, a Heródoto, consiste no fato do mesmo ter escrito “Histórias”, baseado em relatos e na tradição oral, por isso seus textos não seriam considerados “fidedignos”. Ainda que Heródoto possa ser questionado sobre a veracidade ou não dos temas descritos por ele em “Histórias”, ele segue sendo uma das principais fontes que temos sobre um período importante da história grega. A obra de Heródoto, mesmo que ele não tenha tido tal pretensão, se tornou uma espécie de “lugar de memória”⁸, um ponto de referência para a construção de uma memória helênica, chegando posteriormente a ser considerada uma das principais obras para se entender o mundo ocidental. Sua influência chega até nós, mesmo que parte da sociedade nem tenha a mínima ideia sobre isso. Outro escritor grego, conhecido como Tucídides, adotou uma postura diferente em relação às fontes utilizadas para o desenvolvimento de seu trabalho.

Diferentemente de Heródoto, Tucídides, aos descartar os depoimentos orais diversos, procura estabelecer uma presunção da fidedignidade em torno do seu testemunho ocular bem-intencionado, cujo produto é apresentado não como uma interpretação particular, mas como a presença da coisa mesma – feitos memoráveis não apagados pela ação do tempo. Esta é, para o historiador ateniense, a condição de possibilidade para que seu relato possa se constituir como “aquisição [*ktêma*] para sempre”, dotada de utilidade universal.⁹

Tucídides, através deste método que foi denominado como “autópsia”, constrói sua narrativa baseada apenas em fatos que, segundo ele, o próprio teria sido testemunha ocular. Estaria ele desta forma coberto de uma “autoridade” que garantiria que seu relato fosse o mais preciso possível. No entanto, vale lembrar que

⁷ HARTOG, 2014a, p. 35.

⁸ Adaptação do termo cunhado por Pierre Nora.

⁹ TEIXEIRA, 2008, p. 554.

esta premissa em ser “testemunha ocular”, embora tenha constituído durante muito tempo um argumento para a validade de uma tese, não necessariamente é um fator que deve ser colocado como aquele que atesta a veracidade de algum fato histórico. A historiografia contemporânea, por exemplo, permite que o historiador trabalhe em cima de relatos orais de um indivíduo ou de uma comunidade em específico.¹⁰ Estes relatos, acabam servindo como fonte histórica. Este trabalho de construir um relato, embora seja um trabalho de construção de memória, por parte do entrevistado, que define aquilo que quer ou não falar a partir de suas reminiscências, ainda assim não é invalidado por parte dos historiadores de nosso tempo. Claro que com todas as ressalvas e cuidados possíveis.

A testemunha não é um historiador, e o historiador – se ele pode ser, em caso de necessidade, uma testemunha – não deve assumir tal função; e sobretudo ele só é capaz de começar a tornar-se historiador ao manter-se à distância da testemunha (qualquer testemunha, incluindo ele mesmo). Assim, ser testemunha nunca foi uma condição suficiente, nem sequer uma condição necessária, para ser historiador. Mas tal constatação já nos tinha sido ensinada por Tucídides. A própria autópsia (o fato de ver por si mesmo) deveria passar previamente pela crítica.¹¹

Obviamente, devemos ter cuidado ao comparar situações históricas incomparáveis¹² para que não cometamos o erro de cair em anacronismos, mas o que está sendo colocado aqui é a “validade de um relato oral” seja ele qual for e não a validade de um relato específico de um determinado período em comparação com a validade de um relato específico de outro período. Não pressupomos aqui que os gregos antigos fossem mais verdadeiros ou mentirosos do que aqueles que transmitem relatos orais no mundo contemporâneo.

Percebemos em Tucídides a ideia de que apenas a “memória” da testemunha ocular, neste caso a do “historiador”, poderia ser levada em consideração para a escrita da história. É ele quem detém aquilo que é necessário para construir o relato histórico. Como dito por Políbio, “a vista é muito mais fidedigna”¹³. “A autópsia seguida de registro constitui o melhor remédio contra a ação do tempo”.¹⁴ Ainda que sempre acompanhada de um “filtro crítico”.

¹⁰ THOMPSON, 1992.

¹¹ HARTOG, 2011, p. 203.

¹² DETIENNE, 2004.

¹³ POLIBIO, Histórias. XII, 27.

¹⁴ TEIXEIRA, 2008, p. 555.

Tucídides vai assumir essa posição de enunciador onisciente. Mas, em sua pretensão de ser resolutamente moderno, bem distanciado não só do dispositivo da fala épica, mas também de uma ruptura relativamente à história de seu predecessor imediato, ele deve legitimar um lugar de enunciação respaldada pela autópsia, o que se acompanha por uma crítica das testemunhas e da memória, além de ter como corolário que a única história viável é aquela do tempo presente. A autópsia – poderíamos afirmá-lo – é uma maneira de recusar ou silenciar as testemunhas: o olho do historiador, portanto, contra o ouvido das testemunhas.¹⁵

Mesmo que Tucídides possa ser condenado, em parte, por “descartar” relatos orais, ou “silenciar as testemunhas”, ele pode ser louvado por sua atitude crítica em relação ao registro de acontecimentos. É o que nos diz Momigliano:

O que me parece tipicamente grego é a atitude crítica com relação ao registro de acontecimentos, isto é, o desenvolvimento de métodos críticos que nos permitem distinguir entre fatos e fantasias. Até onde vão meus conhecimentos, nenhuma historiografia anterior à dos gregos ou independente desta, desenvolveu estes métodos críticos; e nós herdamos os métodos gregos.¹⁶

Sendo assim, percebemos que a relação entre memória e história pode ser um pouco antagônica, no sentido de que ambas são frutos de trabalho, mas onde apenas a história tem compromisso com uma visão crítica dos acontecimentos, estando a memória mais próxima da busca do verossímil.

No que tange à escrita da história, diferentemente dos gregos da “escola de Tucídides”, os historiadores romanos não tinham toda essa preocupação investigativa. Sobre isso nos fala Hartog:

O latim dispõe de várias palavras, já estudadas por Benveniste, para designar a testemunha. Elas definem bem a sua função e enriquecem a noção. Além de *superstes*, termo já mencionado, há *arbiter* (no sentido mais antigo, aquele que assiste a algo), *testis* (por *terstis*, ou seja, aquele que assiste como terceiro elemento) e *auctor* (o fiador, como o palaios *martus* de Aristóteles; BENVENISTE, p. 119-121, 277). Em compensação, Roma não tem muito a nos ensinar sobre a testemunha ocular na historiografia, nem sobre o binômio testemunha/historiador. A história romana é, com efeito, em resumo demasiado rápido, uma história sem *historia* (no sentido grego de investigação), sem testemunhas, nem autópsias, tampouco dois lados (Roma está inteiramente em Roma). Ela é concebida como *opus oratorium*, de acordo com Cícero, ou como *narratio*, narrativa literária composta de autores (*scriptores*), personalidades importantes que, ao julgarem necessário, recorrem a fiadores ou autoridades (*auctores*).¹⁷

Era muito comum os autores romanos realizarem citações de outros autores, inclusive um pouco distantes. Fato que pode ser evidenciado em Tácito, quando o

¹⁵ HARTOG, 2011, p. 216.

¹⁶ MOMIGLIANO, 2004, p. 55.

¹⁷ HARTOG, 2011, p. 216.

mesmo cita Lívio e Fábio Rústico, por exemplo.¹⁸ Demonstrando que baseava-se em informações dadas por outros.

Para os romanos a *memoria* também estava presente em diferentes situações e elementos do cotidiano. Os romanos valorizavam o passado, mas principalmente aquilo que consideravam “virtuoso”. Tinham seus monumentos que lembravam suas conquistas e suas figuras ilustres. Monumentos estes que, pela exposição em lugares públicos, acabavam sendo muito mais contundentes para a formação de uma memória coletiva romana do que as grandes obras literárias latinas, já que estudos apontam para o fato de que apenas entre 10% e 30% da população do mundo antigo podia ler e escrever.¹⁹ Então, o monumento tinha sua função explícita de “perpetuar” um acontecimento importante ou personagem histórico romano. “É, penso, razoável supor que muito da memória coletiva de Roma consistia no que o corpo de cidadãos via regularmente exposto diante de seus olhos”.^{20 21}

Alguns destes “lugares de memória”, apenas pelo fato de serem antigos e remeterem à um “passado glorioso”, geravam um “sentimento sacral e patriótico” de um passado idealizado.²² O próprio Tácito lamentou a destruição de elementos importantes, causada pelo famoso incêndio de Nero.²³ “Os monumentos da mais antiga religião”²⁴, disse ele.

Além disto, desapareceram as grandes riquezas adquiridas por tantas vitórias, obras-primas da arte grega, os monumentos antigos e inalterados dos gênios de outrora que os nossos velhos se lembravam de ter visto e que no seio grandioso desta nova Roma não poderiam ser reparados.²⁵

Estes “lugares de memória”, construtores da “memória coletiva”, pairavam sobre as cidades romanas e estavam presentes no imaginário social. O amor pelo passado muitas vezes atingia um tom romântico.²⁶ No entanto, alguns setores da sociedade romana, como a aristocracia, tinham maiores possibilidades de

¹⁸ Vida de Agrícola 10.

¹⁹ JOHNSON, 2009, p. 3.

²⁰ WISEMAN, 2007, p. 73.

²¹ Citação original: It is, I think, reasonable to assume that much of Rome’s communal memory consisted of what the citizen body saw regularly performed before its eyes.

²² JENKYNS, 2014, p. 20.

²³ JENKYNS, 2014, p. 20.

²⁴ Anais 15:41.

²⁵ Anais 15:41.

²⁶ JENKYNS, 2014, p. 18.

“perpetuar” os feitos de suas famílias, contribuindo assim para a formação de uma memória coletiva. Sobre isto Wiseman nos fala:

Os aristocratas também tinham mais maneiras públicas de se certificar de que as ações de seus antepassados fossem lembradas. Cícero (Brut. 62) refere-se à sobrevivência dos primeiros discursos funerários, Lívio (8.40.2) às inscrições anexadas aos retratos ancestrais e os primeiros epitáfios Scipionicos (ILLRP 309-310) nos dão uma idéia do tipo de informação que podem ser transmitidos. O fato de que Cícero e Lívio achavam que não era confiável não precisava nos preocupar: o que importa é a criação da memória coletiva através do orgulho das famílias nobres.²⁷ (Tradução livre)²⁸

Da mesma forma, é necessário que tenhamos em mente que a maior parte dos escritores romanos também fazia parte da elite política. Sendo assim, era de seu interesse retratar situações e personagens que demonstrem o poderio e as conquistas de Roma, assim como celebrar conquistas de seus antepassados ou de pessoas ligadas às suas respectivas famílias.

Temos que ter em mente que a grande maioria deles *(a grande maioria dos escritores latinos)²⁹ **pertencia à elite romana**, razão pela qual o tema da dominação romana do Mediterrâneo é uma constante nas obras. Ou seja, são características da cultura romana a marcação do tempo e a celebração da memória de Roma, de suas origens até os domínios territoriais do presente do historiador que narra.³⁰

Percebemos então que o fato de Tácito construir uma narrativa sobre a Britânia e seus povos está dentro deste contexto. A Britânia constituía um dos limites do Império Romano e sua conquista se deu sob duros combates e negociações. Ao falar sobre a Britânia, ele também falava sobre as conquistas romanas e sobre as conquistas de sua família, já que seu sogro havia governado a Província. Uma forma de contribuir para uma “memória coletiva” ligada à aristocracia romana.

A *memoria* era um tema presente na obra de Tácito. Os três primeiros capítulos de *De Vitta Iulli Agricolae* podem nos dar uma boa ideia das percepções de Tácito sobre a importância e a função desta. Na sessão primeira do capítulo 1 de

²⁷ WISEMAN, 2007, p. 71.

²⁸ Citação original: Aristocrats also had more public ways of making sure the deeds of their ancestors were remembered. Cicero (Brut. 62) refers to the survival of early funeral orations, Livy (8.40.2) to the inscriptions attached to ancestral portraits, and the earliest Scipionic epitaphs (ILLRP 309–310) give us an idea of the sort of information that might be transmitted. The fact that both Cicero and Livy thought it was unreliable need not concern us: what matters is the creation of communal memory through the pride of noble families.

²⁹ Comentário introduzido na citação.

³⁰ FUNARI; GARRAFFONI, 2016, pp. 31.

Agrícola, Tácito já inicia sua fala colocando o costume dos escritores romanos de “passar à posteridade os feitos e costumes dos homens ilustres”,^{31 32} ou “algum grande e nobre valor”.^{33 34} Apresenta a importância de passar à posteridade feitos e costumes que tenham algum *nobilis virtus* que os torne dignos de serem transmitidos para a posteridade. Os sujeitos envolvidos, realizadores destes “atos ilustres” (*clarorum virorum facta*) ou “dignos de serem mencionados” (*agere digna memoratu*) são objeto da historiografia latina, que tem um caráter exemplificador. Ainda sobre a utilização do termo *memoria* por Tácito, Nicolai nos diz:

O termo memória, de fato, se repete com insistência no prólogo de Agrícola. O historiador sobrevivente (3.2: “nós somos os sobreviventes não só dos outros, mas também de nós mesmos”) denuncia os efeitos da opressão de Domiciano, dos quais apenas a memória sobrevive (2.3: “teríamos perdido a memória em si com a nossa voz, se estivesse em nosso poder tanto o esquecer quanto o calar”), e conclui (3.3): “No entanto, não será uma tarefa desagradável compor, mesmo em um estilo grosseiro, a memória de nossa escravidão passada e um testemunho de nossas bênçãos presentes. Enquanto isso, este livro, dedicado à honra de meu sogro Agrícola, será louvado ou talvez desculpado como profissão de piedade”. O papel da historiografia adquire uma dimensão ética profunda que não se limita ao julgamento moral tradicional, mas, em tempos difíceis, leva para si a tarefa de preservar e transmitir a memória. O historiador é testemunha do *virtus* de Agrícola e é a sua própria *pietas* que é a justificativa mais íntima para o trabalho que empreendeu. Pode-se ver o mesmo apelo à função da história como testemunho nos autores dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos que, ao mesmo tempo, fundaram uma doutrina religiosa baseada na memória dos acontecimentos e do ensino de Jesus que ultrapassou a história para a transcendência.

³⁵ (Tradução livre)³⁶

³¹ Vida de Agrícola 1.

³² Citação original: *Clarorum virorum facta moresque posteris tradere*,

³³ Vida de Agrícola 1.

³⁴ Citação original: *magna aliqua ac nobilis virtus*.

³⁵ NICOLAI, 2007, p. 25.

³⁶ Citação original: The term *memoria*, in fact, recurs with insistence in the prologue of Tacitus’ Agrícola. The surviving historian (3.2: “we are the survivors not only of others but also of ourselves”) denounces the effects of Domitian’s oppression, of which only the memory survives (2.3: “we would have lost memory itself together with our voice, if it had been as much in our power to forget as to be silent”), and concludes (3.3):

“Yet it will not be an unpleasant task to compose, even in an uncouth and rough style, the memory of our past slavery and a testimony of our present blessings. In the meantime this book, dedicated to the honor of my father-in-law Agrícola, will be praised or perhaps excused as a profession of piety.” The role of historiography acquires a profound ethical dimension that is not limited to traditional moral judgment, but in difficult times takes for itself the task of preserving and transmitting memory. The historian is witness of the *virtus* of Agrícola and it is his own *pietas* that is the most intimate justification for the work he has undertaken. One can see that same appeal to the function of history as testimony in the authors of the Gospels and Acts of the Apostles, who, at just about the same time, founded a religious doctrine based on the memory of events and of Jesus’ teaching that moved beyond history towards transcendence.

Assim sendo, Tácito assume um compromisso de preservar e transmitir a memória. A historiografia produzida por ele consiste em uma tentativa de afastar algo ou alguém do esquecimento. Em Roma, inclusive, é sabido que quando a elite política queria lançar alguma família ou antigo governante no esquecimento, se utilizava de uma prática que ficou conhecida como *Damnatio memoriae*, ou “condenação da memória”. Apagava-se nomes em monumentos ou qualquer vestígio sobre a pessoa que sofria tal sanção que, embora raramente fosse realizada de forma oficial, era aplicada de forma categórica.³⁷

O termo *damnatio memoriae*, literalmente a condenação ou a condenação da memória, é moderno, mas reflete com precisão a preocupação dos romanos com os conceitos de memória e fama. O termo latino *memoria* tem repercussões muito mais amplas do que seu cognato, memória e abrangência inglesa, as noções de fama de um indivíduo e maior reputação. A crença de que um indivíduo falecido desfrutava de uma vida após a morte através da perpetuação de sua memória ou por ser lembrado é o cerne da identidade cultural romana e é amplamente testemunhado pelas inúmeras obras sobreviventes de arte e arquitetura funerária criadas para todas as classes da sociedade, por todo o império. Além disso, Varro liga estreitamente a idéia de comemoração monumental com a perpetuação da memória. Com efeito, a condenação, a danação ou a abolição da memória de um indivíduo é uma destruição póstuma de sua própria essência ou ser. Ao discutir a condenação da memória e dos monumentos de uma pessoa, os autores antigos costumam combinar a palavra *memoria* com verbos particularmente fortes, *damnare*, *condemnare*, *accusare*, *abolere*, or *eradere*. Esses verbos, danar, condenar, acusar, abolir ou erradicar, ressoam com o processo de censura histórica, que é a base da *Damnatio memoriae*. Em geral, essas sanções não foram concebidas em termos absolutos, mas eram métodos flexíveis e práticos de destruir a reputação e a memória póstuma condenadas.³⁸ (Tradução livre)³⁹

Percebemos então, através desta prática, o quão importante era a preservação/perpetuação da memória de um romano. É provável que Tácito

³⁷ VARNER, 2004, p.1.

³⁸ VARNER, 2004, p. 2.

³⁹ Citação original: The term *damnatio memoriae*, literally the damnation or condemnation of memory, is modern, but it accurately reflects the Romans' preoccupation with the concepts of memory and fame. The Latin term *memoria* has much broader repercussions than its English cognate, memory, and encompasses the notions of an individual's fame and greater reputation. The belief that a deceased individual enjoyed an afterlife through the perpetuation of his memory or by being remembered is at the core of Roman cultural identity and is amply witnessed by the innumerable surviving works of funerary art and architecture created for all classes of the society, throughout the empire. Furthermore, Varro closely links the idea of monumental commemoration with the perpetuation of memory. In effect, the condemnation, damnation or abolition of an individual's memory is a posthumous destruction of his or her very essence or being. When discussing the condemnation of a person's memory and monuments, ancient authors usually combine the word *memoria* with particularly strong verbs *damnare*, *condemnare*, *accusare*, *abolere*, or *eradere*. These verbs, to damn, condemn, accuse, abolish, or eradicate, themselves resonate with the process of historical censure which is the basis of *damnatio memoriae*. Overall, these sanctions were not conceived of in absolute terms, but were flexible and practical methods of destroying the condemned's posthumous reputation and memory.

estivesse tentando fazer com Agrícola e com os feitos de sua família, exatamente o contrário de uma *damnatio memoriae*, buscando perpetuar os feitos ilustres de seu sogro. Ele mesmo confirma isso: “Seja como for, este livro, que tem como objetivo honrar meu sogro Agrícola, ficará, pela declaração de meu respeito, louvado ou desculpado.”^{40 41} Tácito valorizava a liberdade de escrever e parece falar com pesar sobre a censura imposta em determinado período, supostamente anterior ao Imperador Nerva: “porque até o uso do falar e do ouvir, por espionarem, nos tiraram. A própria memória teríamos perdido com a palavra, se estivesse tão em nosso poder esquecer, quanto calar.”^{42 43}

Embora possamos perceber Tácito como um “entusiasta da liberdade”, devemos entendê-lo dentro do contexto em que está inserido. Esta liberdade, pela qual ele clama, é a liberdade para escrever e para falar, mas não necessariamente uma liberdade que contemplasse todos aqueles que faziam parte do Império Romano. Tácito, como os demais historiadores romanos, fazia recortes temporais, de episódios e de personagens. Neste caso, com cuidado de não cometermos nenhum anacronismo, o exercício de Tácito não era muito diferente do que nos fala Le Goff sobre os historiadores do mundo contemporâneo:

(...) o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.⁴⁴

Como historiador, Tácito construiu sua narrativa efetuando escolhas que, de forma consciente ou não, contribuíram para a construção da memória romana e também para a memória dos demais povos “bárbaros” que foram retratados, assim como para a construção de identidade de gerações futuras de populações que habitaram e habitam, ainda hoje, as regiões retratadas por Tácito. Isso tudo sem que sejam estes necessariamente descendentes dos povos descritos por Tácito.

No que tange ao conceito de identidade, podemos dizer que este diz respeito a algo móvel. Assim como não há cultura pura, também não há identidade intocada,

⁴⁰ Vida de Agrícola 3.

⁴¹ Citação original: Hic interim liber honori Agricolae soceri mei destinatus, professione pietatis aut laudatus erit aut excusatus.

⁴² Vida de Agrícola 2.

⁴³ Citação original: Memoriam quoque ipsam cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci quam tacere.

⁴⁴ LE GOFF, 1990, p. 525.

etc. Mesmo que a palavra “identidade” venha de “idêntico”, esta não deve ser entendida como algo “original”, mas pela capacidade de um indivíduo ou de uma comunidade se reconhecerem como “eu” e o “outro”, ou seja, a identidade está baseada em relações de alteridade, onde semelhanças e diferenças podem ser percebidas.⁴⁵ Ambos, identidade e cultura, se formam a partir de contatos, interfaces e negociações. Partindo destes pressupostos, buscaremos entender como Tácito contribui para a formação posterior do que podemos entender como “identidade Brigante”. Não a maneira como os Brigantes se enxergavam, mas a maneira como foram retratados por Tácito, ou seja, como eles foram representados para o mundo romano.

3.3. Brigantes, Bretões ou Celtas?

Juntamente com os demais povos celtas/bretões, os Brigantes são retratados por Tácito em *Annales*, *Historiae* e *Agricolae*. Ainda que a definição de “celta” esteja, hoje, em debate, usaremos este termo com tantos cuidados quanto os que usamos ao tratarmos do termo “romano”, por exemplo.

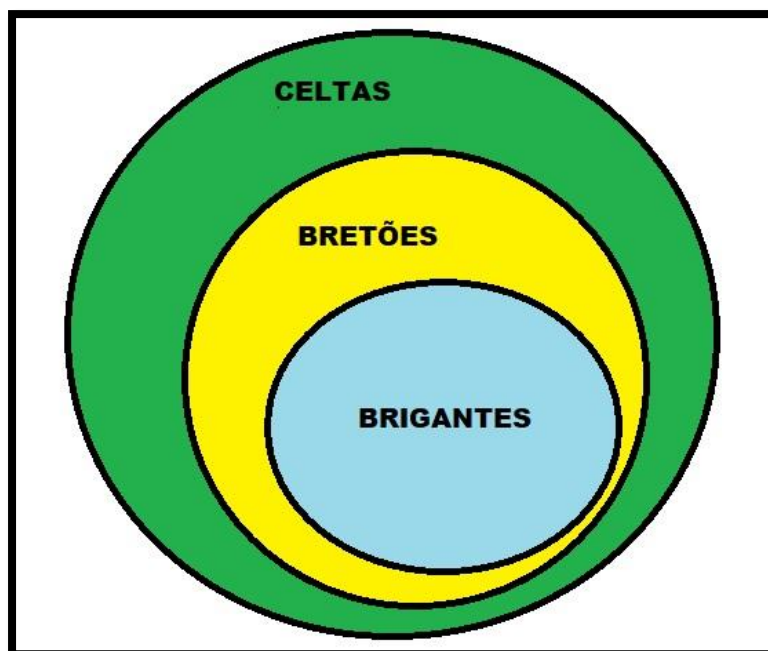


Figura 1 - Composição dos Grupos

⁴⁵ BARTH, 1976.

O termo “celta” tem sido amplamente discutido pelos estudiosos, pois por muitos é visto como uma construção moderna.⁴⁶ No entanto, a raiz para tal conceito já estava presente na Antiguidade, tratando diretamente de alguns povos que viviam na Europa durante o período que conhecemos como Idade do Bronze. Tendo sido citados por Heródoto⁴⁷ e outros escritores da Antiguidade.

A palavra “celta” (grego *Keltoi*, latim *Celtae*) foi primeiro usada pelos autores gregos, há cerca de 2500 anos, para descrever as tribos bárbaras que viviam no interior da colônia grega de Massília (Marselha). Os gregos cedo expandiram o uso dessa palavra para descrever todos os povos bárbaros da Europa a norte dos Alpes, incluindo os Francos, que hoje não são considerados Celtas. Os gregos também usaram outro nome, “Gálatas” (*Galatoi*), intercalando com “Celta”, especificamente para descrever os povos da Europa Central que falavam celta e que invadiram a Grécia e a Anatólia no séc. III a.C. Os Romanos usaram uma palavra similar, “Gaul” (*Galli*) para descrever os povos continentais de língua celta. As origens destas três palavras são desconhecidas, mas todas são, provavelmente, celtas, já que surgem como elementos em nomes tribais (*Gallaeci*, *Celtici*, *Celtiberi*), nomes pessoais (*Celtius*) e ainda nomes de locais (*Celti*). Júlio César diz-nos que “Celta” era também usado como nome coletivo em algumas tribos gaulesas.⁴⁸

Contudo, nem todos os povos, que atualmente reconhecemos como Celtas, alguma vez se descreveram como tal. Apesar de os antigos Bretões serem vistos agora como Celtas, nunca foram descritos como Celtas ou Gauleses, vendo-se como povos bem diferentes, tal como os Romanos os viam, reconhecendo no entanto, grandes semelhanças com a sua língua e os seus costumes.⁴⁹

Conforme o que foi dito por Haywood, ainda que houvessem elementos culturais que aproximassem esses diferentes povos que acabaram sendo chamados de “Celtas”, é provável que boa parte deles não se reconhecesse como integrando tal conjunto comunitário, ou seja, talvez a maioria destes povos nunca tivessem se reconhecido como tais. Ainda assim, é importante que entendamos os Brigantes como um subgrupo dos Bretões, assim como estes Bretões como um subgrupo deste “universo cultural Celta”⁵⁰, que incluía outros grupos como os Gauleses, por exemplo. No entanto, como já dissemos anteriormente, o que buscamos aqui é compreender o que Tácito disse sobre eles, mais especificamente sobre os Brigantes. É importante lembrar que os Brigantes estão inseridos dentro de um conjunto de narrativas que, se não tinha como pretensão exclusiva e primordial representá-los, acabou servindo como principal documento escrito sobre eles.

⁴⁶ HAYWOOD, 2009, p. 1.

⁴⁷ Em “Histórias”.

⁴⁸ HAYWOOD, 2009, p. 8.

⁴⁹ HAYWOOD, 2009, p. 8.

⁵⁰ Ver Figura 1 deste capítulo.

Outros escritores acabaram escrevendo sobre os Bretões e os demais povos “Celtas”, mas foi Tácito o único a trazer algum destaque para os Brigantes. Mesmo que Tácito não tenha dedicado tantas linhas sobre eles, ele nos trouxe informações importantes sobre os mesmos que, ao serem analisadas dentro de um panorama maior, revelam detalhes importantes.

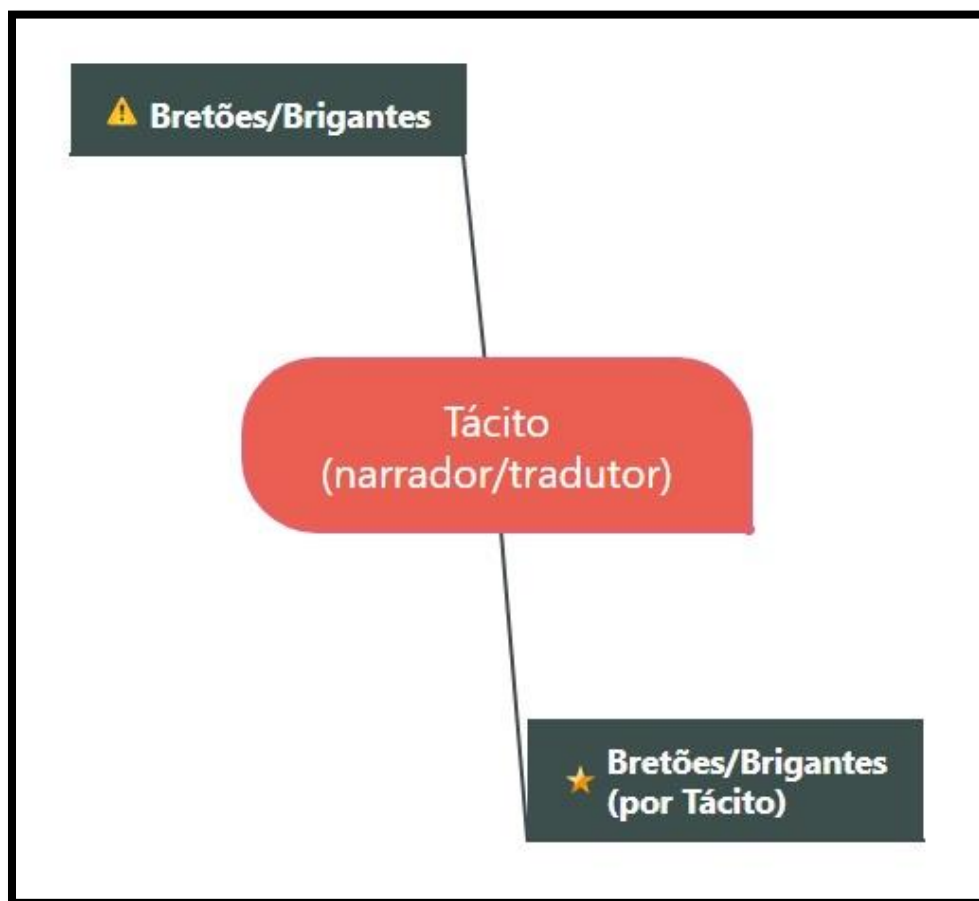


Figura 2 - Tradução do "outro" pelo narrador

Mesmo que nem tudo que Tácito tenha escrito tenha sido comprovado pela arqueologia, ainda assim devemos ter em mente que sua obra é importante, no sentido que lidamos com representações. Se estas são ou não verdadeiras, isto não necessariamente nos interessa neste momento. Pois o que pretendemos analisar aqui é como Tácito constrói estas representações dos Brigantes e para que fins ele faz isso. Por isso também é importante sabermos qual o contexto de fala de Tácito (algo que já foi discutido no capítulo anterior), já que não nos interessa saber aqui exatamente quem eles eram, mas como e porque foram representados. Sendo assim, a pergunta inicial é: Em que contexto, dentro da narrativa de Tácito, os Brigantes foram representados? Para tanto, devemos partir do pressuposto de que há uma

diferença entre os Brigantes trazidos à tona pelas mais recentes pesquisas arqueológicas e os Brigantes de Tácito. Os Brigantes de Tácito são aqueles traduzidos por ele para que fossem lidos e entendidos por leitores romanos.⁵¹

3.4

Os Brigantes em “Vida de Agrícola”

Em “Vida de Agrícola”, ainda que esta seja uma obra póstuma em homenagem ao sogro de Tácito, temos um conjunto interessante sobre a província da Britânia e sobre seus habitantes. Podemos dividir assim, de maneira que nossa análise seja a mais clara possível:

Livros 10-13: Descrição sobre a Britânia e seus povos.

Livros 14-40: A Britânia sob o governo de Agrícola.

Os demais capítulos que formam o conjunto desta obra, embora tenham sido lidos, não tratam diretamente sobre os pontos que nos interessam.

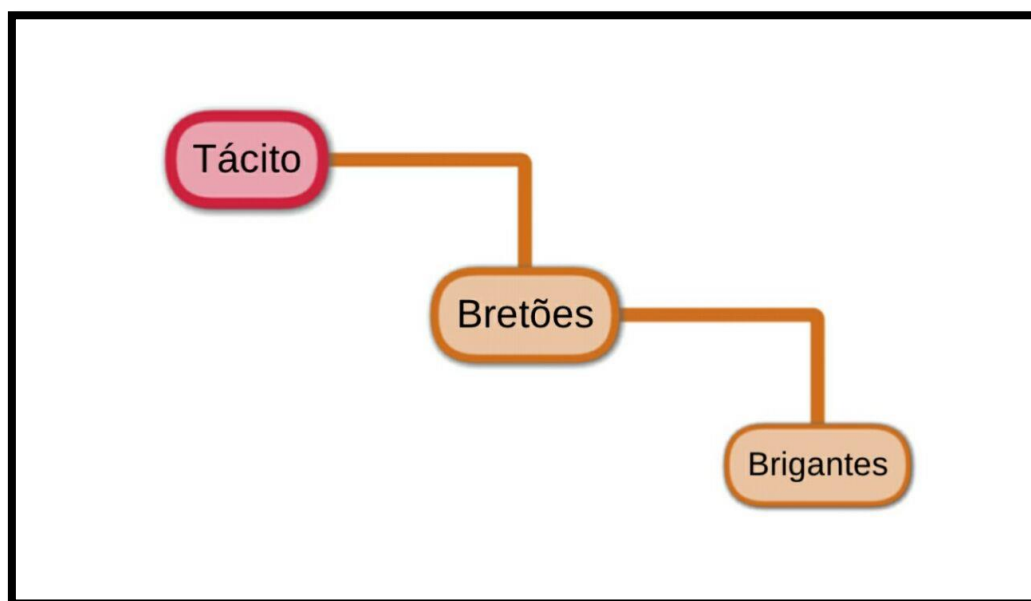


Figura 3 - [Bretões (Brigantes)]

Em cima destas constatações, com o objetivo de tornar a análise mais clara e didática, dividiremos em tópicos alguns pontos levantados por Tácito: “Geografia da Britânia”, “Origens”, “Características Físicas e Cultura”, “Força Militar”, “Organização Política”, “Clima e Tempo”, “Agricultura e Pecuária”, “Minérios”,

⁵¹ Ver Figura 2 deste capítulo.

“Imperialismo Romano”, “Conquista da Britânia” e “Brigantes”. Alguns deles dizem respeito aos Bretões de forma geral, já o último tratará diretamente dos Brigantes. Isso porque, na maioria das vezes, Tácito apresenta características gerais sobre a região e sobre os “povos da Britânia”. Já em outros momentos ele faz distinção e fala especificamente sobre alguns povos, estando os Brigantes contemplados por esta parte específica de sua narrativa. De toda forma, fica claro que os Brigantes são tratados por ele como um subgrupo dos Bretões.⁵²

Ao iniciar sua fala sobre os “povos da Britânia”, Tácito deixa claro que o motivo pelo qual, naquele momento, estava tratando da situação dos mesmos se dava pelo fato de que somente naquele período a Província teria sido dominada.

Não referirei a situação e povos da Britânia, tratados por muitos escritores, para que haja comparação de pesquisa ou de talento, mas porque só nessa altura foi inteiramente dominada; por isso mesmo tratarei com toda exatidão de tudo aquilo que os predecessores, por falta de conhecimento, enfeitaram de sua eloquência.^{53 54}

Podemos pensar, obviamente, que Tácito tenta passar a mensagem aos seus leitores de que foi apenas após o governo de seu sogro que a Britânia teria sido completamente submetida. Sem entrarmos no mérito sobre se isso de fato ocorreu ou não ocorreu, o motivo estabelecido por Tácito para escrever sobre a situação da Britânia e de seus povos deixa implícito o desejo do escritor sobre enaltecer esta conquista política e militar obtida pelos romanos.

3.4.1 Geografia da Britânia

Após esta breve “introdução”, Tácito inicia a sua curtíssima descrição geográfica da Britânia, “a maior das ilhas que os Romanos têm notícia”. Todavia, parece pouco interessado em apresentar um panorama geográfico aprofundado, evocando a autoridade de outros autores, como Lívio e Fábio Rústico, que “eloquentíssimos” já haviam tratado do assunto. O que ele faz e de maneira muito breve é falar sobre o formato da ilha (que seria como uma “escudela oblonga”⁵⁵ ou

⁵² Ver Figura 3 deste capítulo.

⁵³ Vida de Agrícola 10.

⁵⁴ Citação original: Britanniae situm populosque multis scriptoribus memoratos non in comparationem curae ingeniive referam, sed quia tum primum perdomita est. Ita quae priores nondum comperta eloquentia percoluere, rerum fide tradentur.

⁵⁵ Vasilha, cujo comprimento é maior do que a largura.

uma “bipene”⁵⁶), sobre os povos fronteiriços (da Germânia, Espanha e Gália) e sobre as condições dos mares e dos ventos, mas deixando claro que “investigar a natureza do Oceano e das marés” não era o seu objetivo naquele momento.⁵⁷ Para falar sobre o formato da ilha, ao utilizar-se de relatos anteriores, leva o leitor a buscar uma visualização da mesma comparando-a com formatos de objetos. Uma estratégia interessante, mas limitada. É parecida com o que vemos atualmente quando alguns comparam o formato da Itália ao de uma bota. É uma explicação que busca dar alguma possibilidade de “visualização”, através da imaginação, para aqueles que a recebem.

3.4.2 Origens

No que tange à origem dos bretões, Tácito reconhece que pouco sabe. Aliás, como ele mesmo afirma, é natural não se saber sobre isso quando se tratam de *barbaros*.⁵⁸ Como cidadão romano, Tácito reconhecia os outros povos como *barbaros*. É um distanciamento de identidade. Realizado, na Antiguidade, tanto pelos gregos quanto pelos romanos. No próximo capítulo, discutiremos mais sobre o que é ser “Romano”, mas de toda forma é preciso já ressaltar que “Romano” (durante o período do Império) não diz respeito apenas aos nascidos em Roma, mas sim a todos os cidadãos do Império. Então, neste caso, o “bárbaro” é o “outro”, o “não romano”. Ao afirmar que pouco se sabe sobre a origem dos Bretões, Tácito impõe um distanciamento entre Bretões e Romanos. Como uma forma de colocar cada “grupo” em seu lugar: civilizados de um lado e bárbaros de outro lado. Faz parte do que Hartog chamou de “retórica da alteridade”^{59 60 61 62}, já utilizada pelos

⁵⁶ Arma ou ferramenta de dois gumes.

⁵⁷ Vida de Agrícola 10.

⁵⁸ Vida de Agrícola 11.

⁵⁹ HARTOG, 2014a, p. 243.

⁶⁰ “Dizer o *outro* é enuncia-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*. Por exemplo: existem gregos e não gregos. Mas a **diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema**. Não se tinha antes senão uma pura e simples não coincidência. Daí para frente, encontramos desvios, portanto uma diferença possível de ser assinalada e significativa entre os dois termos. Por exemplo: existem gregos e bárbaros. Desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita. Começa então esse trabalho, incessante e indefinido como os das ondas que brando na praia, que consiste em levar do outro ao próprio.”

⁶¹ HARTOG, 2014a, p. 268.

⁶² “Uma retórica da alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa a transportar o outro ao mesmo (*tradere*) – constituindo, portanto, uma espécie de transportador da diferença.”

gregos e mantida pelos romanos. Neste caso específico, Tácito se utiliza do “princípio da inversão”⁶³. O “outro” é dito como o “inverso”, o “inverso” daquele que diz.

3.4.3 Características Físicas e Cultura

No que tange às características físicas dos Bretões, Tácito se utiliza do critério e do artifício de “comparação”⁶⁴. E esta não é uma “comparação” direta entre Bretões e Romanos, mas sim uma comparação entre Bretões e Gauleses. Ele diz: “os mais próximos dos Gauleses são-lhes semelhantes, quer por ter perdurado o aspecto original, quer por, embora sejam separados os países, ter dado forma ao corpo a posição do céu.”⁶⁵ ⁶⁶ Aqui ele sugere que os povos bretões mais próximos dos gauleses fossem parecidos com estes, por serem descendentes de imigrantes gauleses, ou pela “posição do céu”. É provável que Tácito tenha se utilizado deste artifício de “comparação” por “equivalência”, para facilitar o entendimento de seus leitores. A Gália já havia sido conquistada há mais tempo e estava mais próxima geograficamente de Roma.

Sobre as características culturais dos Bretões, Tácito diz:

No entanto, e de um modo geral, é de crer que tenham os Gauleses ocupado a ilha vizinha; encontram-se suas cerimônias sagradas, seu sistema de crenças; a língua não é muito diferente, têm a mesma audácia no provocar dos perigos e o mesmo temor no afrontá-los. Os Bretões, no entanto, vão mais à frente na braveza, como quem não foi ainda amolecido por uma longa paz; sabemos de fato terem sido os Gauleses famosos na guerra; mas veio logo, com o ócio, a indolência, perdendo-se o valor, ao mesmo tempo que a liberdade. Aconteceu isto com os Bretões que foram vencidos outrora: permanecem os outros tais quais foram os Gauleses.⁶⁷ (Tradução)⁶⁸

⁶³ HARTOG, 2014, pp. 244-245.

⁶⁴ HARTOG, 2014, p. 255.

⁶⁵ Vida de Agrícola 11.

⁶⁶ Citação original: *proximi Gallis et similes sunt, seu durante originis vi, seu procurrentibus in diversa terris positio caeli corporibus habitum dedit.*

⁶⁷ Vida de Agrícola 11.

⁶⁸ Citação original: *In universum tamen aestimanti Gallos vicinam insulam occupasse credibile est. Eorum sacra deprehendas ac superstitionum persuasiones; sermo haud multum diversus, in deprecandis periculis eadem audacia et, ubi advenire, in detrectandis eadem formido. Plus tamen ferociae Britanni praeferunt, ut quos nondum longa pax emollierit. Nam Gallos quoque in bellis floruisse accepimus; mox segnitia cum otio intravit, amissa virtute pariter ac libertate. Quod Britannorum olim victis evenit: ceteri manent quales Galli fuerunt.*

Aqui ele segue fazendo uma “comparação” dos Bretões com os Gauleses que, segundo ele informa, teriam crenças e língua parecidas. São duas as comparações: Primeiro, compara estes Bretões (mais bravos) com os Gauleses de outrora, de antes do período de paz. Estes teriam sido famosos pela guerra, o que nos leva a crer que os Gauleses de outrora seriam tão bravos quanto estes Bretões mais próximos dos Gauleses. Segundo, compara os Gauleses (contemporâneos a ele) com os Bretões que foram vencidos outrora, que cremos serem aqueles que estavam mais ao sul da Britânia, e que já haviam sido “alcançados” pelos romanos antes dos Bretões do Norte.

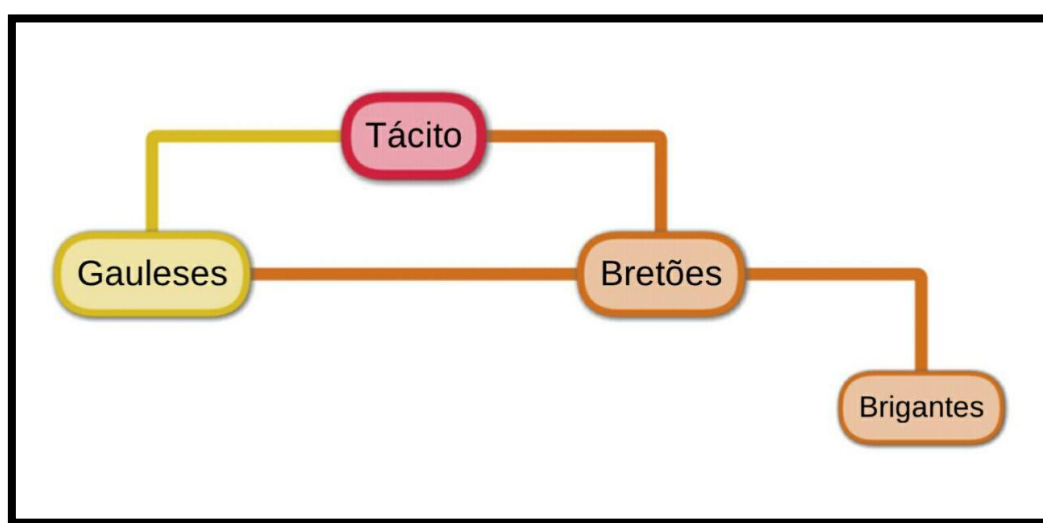


Figura 4 – Tácto: [Gauleses - Bretões (Brigantes)]

A comparação dos Bretões com os Gauleses é ainda mais interessante, pois contribui para o debate em torno de uma “identidade Celta”, visto que os dois grupos foram classificados, durante a Idade Moderna, como “Celtas”. O que cabe aqui não é forçarmos a ideia de que, na Antiguidade, haveria uma identificação destes povos como “Celtas”, mas apenas o fato de que, de acordo com Tácto, eles compartilhavam de características físicas e culturais comuns. Este tema certamente contribuiu para a construção de “celticidade”⁶⁹ e para movimentos nacionalistas modernos e contemporâneos⁷⁰.

⁶⁹ HAYWOOD, 2009.

⁷⁰ STARGARDT, 1998.

3.4.4 Força militar

No que se refere à força militar dos Bretões, Tácito diz que: “Sua força está na infantaria; algumas nações lutam de carro; o mais nobre guia, os dependentes, combatendo, o protegem.”^{71 72} Se refere então à duas divisões militares, que seriam infantaria (*pediti*) e uso de carros de guerra (*carru*). Sendo que a força dos Bretões estaria na infantaria. Devemos lembrar que os Romanos ficaram conhecidos por terem um aparelho militar poderosíssimo. Sendo que algumas de suas táticas de guerra e de batalha influenciaram e ainda influenciam diferentes povos. Por este motivo, é no mínimo estranho que Tácito não tenha se aprofundado mais neste quesito. Talvez por menosprezar os Bretões em algo que ele estivesse convicto serem os Romanos superiores tecnologicamente e tecnicamente. Ainda assim, lembra que, em algumas das “nações” (*nationes*) são utilizados carros de guerra (*carru*), onde o mais nobre (*honestior*) é quem guia o carro. Provavelmente destacando que os mais nobres dos Bretões se destacavam em campo de batalha, estando numa posição diferente dos demais (*clientes*) e que poderia ser facilmente identificada pelos Romanos. Ainda assim, nem todas as *nationes* faziam uso dos carros de guerra, o que não seria então uma característica geral das forças militares dos povos da Britânia. Quando Tácito se refere aos *clientes*, aqueles que defendem o carro de guerra onde está o *principe*, ele também está fazendo uma analogia ao sistema romano de patrocínio, onde os *clientes*⁷³ cumpriam um papel hierárquico em relação ao *patronus*. Neste caso, os *clientes* são apresentados como defendendo o carro do *honestior*, ou seja, o nobre pelo qual os *clientes* estariam lutando.

3.4.5 Organização política

No que tange à organização política, Tácito apresenta os Bretões como anteriormente submissos à “reis” (*regibus*), mas na conjuntura do período histórico em que escreve, como sendo submissos à “chefes” (*principes*) segundo as “facções”

⁷¹ Vida de Agrícola 12.

⁷² Citação original: In peditibus; quaedam nationes et curru proeliantur. Honestior auriga, clientes propugnantes.

⁷³ Plural de *cliens*.

(*factionibus*) e preferências. Assim ele diz: “Em outros tempos obedeciam à “reis”; agora se repartem por “chefes”, segundo as facções e preferências.”⁷⁴ ⁷⁵ Tácito, embora não se aprofunde na organização política de cada um dos povos da Britânia, apresenta a ideia de que existe uma condição hierárquica e de que existem diferentes facções. Condição que aproxima este universo do universo do leitor romano, que presenciava diariamente uma estrutura altamente hierarquizada e que apresentava diferentes facções políticas que, mesmo estando sob a autoridade do *Princeps*⁷⁶, estavam em constante processo de disputa pelo poder.

Sobre a organização coletiva dos Bretões, Tácito deixa claro que os mesmos são desunidos, o que beneficia os romanos no seu processo de conquista e de manutenção de poder na Província: “E, ao defrontarmos povos valentíssimos, nada nos é mais útil do que não tomarem decisões comuns. Rara é a assembleia de duas ou três coletividades para repelirem um perigo comum: lutam um a um e juntos são vencidos.”⁷⁷ ⁷⁸ O autor parece manifestar seu “contentamento” ao perceber que os Bretões são de forma geral desunidos, o que os enfraquece na luta contra os romanos. Cada coletividade bretã luta por si própria e ao final elas acabam conjuntamente sendo derrotadas pelos Romanos. É provável que o leitor romano tenha reconhecido uma *comparação* estabelecida por Tácito, mesmo que de forma implícita, entre os sistemas de governo de Roma e da Britânia. Enquanto os Romanos estavam sob a autoridade de um *Princeps*, os Bretões estavam divididos entre vários *principes*. Os Romanos com uma autoridade forte e centralizada e os Bretões fragmentados e por isso vulneráveis. Uma comparação que inevitavelmente apresenta o sistema político romano como superior ao dos “bárbaros” Bretões, que por isso, mesmo sendo “bravos”, estariam facilmente sendo subjugados.

É interessante o fato de Tácito afirmar que os bretões não distinguem, para a chefia, sexos, trazendo como exemplo para tal, Boudica⁷⁹, a lendária líder bretã do

⁷⁴ Vida de Agrícola 12.

⁷⁵ Olim regibus parebant, nunc per principes factionibus et studiis trahuntur.

⁷⁶ *Princeps* era o título da autoridade máxima romana, o Imperador, desde o governo de Augusto até o de Diocleciano, o que corresponde basicamente ao período que vai de 27 a.C. a 305 d.C.

⁷⁷ Vida de Agrícola 12.

⁷⁸ Citação original: Nec aliud adversus validissimas gentis pro nobis utilius quam quod in commune non consulunt. Rarus duabus tribusve civitatibus ad propulsandum commune periculum conventus: ita singuli pugnant, universi vincuntur.

⁷⁹ Ver Figura 5 deste capítulo.

Séc. I.^{80 81} Exemplo que pode também servir como uma “comparação” estabelecendo distanciamento entre Romanos e Bretões, já que os primeiros têm em sua história uma longa lista de líderes políticos homens, tendo as mulheres exercido outros papéis dentro da sociedade romana.

3.4.6 Clima e tempo

Sobre o clima e o tempo na Britânia, Tácito nos diz o seguinte:

Enfeiam o céu chuvas e névoas frequentes, falta a aspereza dos frios. A duração dos dias supera a que se mede em nossas regiões; a noite é clara, e breve, na parte extrema da Britânia, de tal modo que é exíguo o intervalo que se marca entre o fim e o início da luz. Afirmam que, no caso de não haver nuvens, se vê de noite o brilho do sol e que não se põe nem nasce, mas somente vai de um lado para outro. É evidente que o plano extremo da terra, com sombra ao rés do solo⁸², não levanta as trevas e que a noite cai por baixo do céu e das estrelas.⁸³ (Tradução)⁸⁴

Aqui Tácito fala das curtas noites na Britânia, quando o sol brilha por mais horas e os dias são mais longos. Certamente ele está, mesmo que inconscientemente, se referindo ao Verão da ilha, quando pode anoitecer em horário próximo das 22h00.⁸⁵ Ele estabelece uma “comparação” ao afirmar que “a duração dos dias supera a que se mede em nossas regiões”, ou seja, ele utiliza esse tipo de comparação para que o leitor romano possa ter uma base comparativa para a duração do dia. Utilizando-se de uma figura de linguagem ao dizer que “o sol não se põe e nem nasce”.

3.4.7 Agricultura e Pecuária

No que se refere ao que pode ser produzido na Britânia, Tácito diz:

⁸⁰ Vida de Agrícola 16.

⁸¹ Citação original: His atque talibus in vicem instincti, Boudicca generis regii femina duce (neque enim sexum in imperiis discernunt)

⁸² Rente ao solo.

⁸³ Vida de Agrícola 12.

⁸⁴ Citação original: “Caelum crebris imbribus ac nebulis foedum; asperitas frigoribus abest. Dierum spatia ultra nostri orbis mensuram; nox clara et extrema Britanniae parte brevis, ut finem atque initium lucis exiguu discrimine internoscas. Quod si nubes non officiant, aspici per noctem solis fulgorem, nec occidere et exurgere, sed transire adfirmant. Scilicet extrema et plana terrarum humili umbra non erigunt tenebras, infraque caelum et sidera nox cadit.”

⁸⁵ Nota do autor: Afirmo isso por experiência própria, por já ter vivido no Norte da Inglaterra.

“O solo, exceto no que se refere à oliveira, à vide e ao resto que costuma nascer em terras mais quentes, é bom para a agricultura e pecuária; o amadurecer é serôdio⁸⁶, o nascer temporão⁸⁷; o motivo de um caso e outro é o mesmo, a muita humidade das terras e do céu.”⁸⁸ ⁸⁹ O que ele faz é criar uma comparação entre as condições para produção da Britânia com as condições de produção de outras regiões do Império Romano, sem citar diretamente quais. No entanto, podemos supor que estivesse fazendo essa comparação com regiões como a do Mediterrâneo. Principalmente levando em consideração o que ele cita: vide e oliveira. Ambas cultivadas nessa região. Duas atividades são citadas como boas para serem praticadas na Britânia: agricultura e pecuária. Algo que já podia ser observado quando da chegada dos Romanos à Província, já que a maior parte das comunidades bretãs eram rurais e voltadas para esse tipo de atividades.

3.4.8 Minérios

Dá a Britânia ouro e prata e os outros metais, prêmio da vitória; gera pérolas o Oceano, porém um tanto foscas e plúmbeas. Acham alguns que falta habilidade aos que as apanham, porque no Mar Vermelho as arrancam dos rochedos vivas e respirando, na Britânia as recolhem onde foram lançadas; por mim, mais facilmente acreditaria falhar a natureza às pérolas do que nós a cobiça.”⁹⁰ (Tradução)⁹¹

Tácito apresenta os minerais que são extraídos na Britânia e traça outra “comparação”, mas desta vez entre as pérolas extraídas na Britânia e as extraídas na região do Mar Vermelho, onde as primeiras seriam inferiores às segundas. Erro na extração ou algo puramente natural? Tácito acreditava ser mesmo uma característica natural das pérolas, que variava de região para região.

⁸⁶ O amadurecer mais tardio.

⁸⁷ O nascer é mais rápido.

⁸⁸ Vida de Agrícola 12.

⁸⁹ Citação original: Solum praeter oleam vitemque et cetera calidioribus terris oriri sueta patiens frugum pecudumque fecundum: tarde mitescunt, cito proveniunt; eademque utriusque rei causa, multus umor terrarum caelique.

⁹⁰ Vida de Agrícola 12.

⁹¹ Citação original: Fert Britannia aurum et argentum et alia metalla, pretium victoriae. Gignit et Oceanus margarita, sed subfusca ac liventia. Quidam artem abesse legentibus arbitrantur; nam in rubro mari viva ac spirantia saxis avelli, in Britannia, prout expulsa sint, colligi: ego facilius crediderim naturam margaritis deesse quam nobis avaritiam.

3.4.9 Imperialismo Romano na Britânia

Tácito expõe aspectos da dominação e do Imperialismo Romano: recrutamentos, tributos e encargos. Prática comum nas províncias do Império Romano.

“Os Bretões obedecem sem dilação a recrutamentos, tributos e encargos impostos por nossa ordem, contanto que não haja injustiças: a estas dificilmente as toleram, já bastante dominados para que obedeçam, mas não para que sirvam.”^{92 93} Em geral, Tácito afirma que os Bretões já se submetem sem delongas, “contanto que não haja injustiças”. É difícil saber o que Tácito trata como “injustiças”, mas parece estar relacionado aos exageros que poderiam ser cometidos pelos soldados, oficiais e cobradores de impostos. Afinal, os Bretões estariam dominados à ponto de “obedecer”, mas não de “servir”.

3.4.10 Conquista da Britânia

Se os Bretões tomassem consciência de seu próprio número!⁹⁴

Sobre o processo de conquista da Britânia, Tácito diz que foi no governo de Cláudio que isto aconteceu. “Dominaram-se povos” (*domitae gentes*) e “cativaram-se reis” (*capiti reges*):

O divino Cláudio foi o realizador da tarefa, passando legiões e tropas auxiliares e confiando parte das coisas a Vespasiano, o que lhe foi, em pouco, início de fortuna; **dominaram-se povos, cativaram-se reis** e foi Vespasiano mostrado em seu destino.⁹⁵ (Tradução)⁹⁶

No entanto, isto não foi feito sem que houvesse uma série de revoltas e tentativas de expulsar os Romanos da Britânia. Algumas dessas tentativas expostas

⁹² Vida de Agrícola 13.

⁹³ Citação original: Ipsi Britanni dilectum ac tributa et iniuncta imperii munia impigre obeunt, si iniuriae absint: has aegre tolerant, iam domiti ut pareant, nondum ut serviant.

⁹⁴ Vida de Agrícola 15.

⁹⁵ Vida de Agrícola 13.

⁹⁶ Citação original: Divus Claudius auctor iterati operis, transvectis legionibus auxiliisque et adsumpto in partem rerum Vespasiano, quod initium venturae mox fortunae fuit: domitae gentes, capiti reges et monstratus fati Vespasianus.

por Tácito em “Vida de Agrícola”, como as revoltas lideradas por Boudica^{97 98 99} e por Calgaco. No entanto, os Bretões estavam desunidos. Pois alguns de seus líderes eram fieis ao poder Romano.

Certas comunidades foram confiadas ao rei Cogidumno, que até hoje nos foi **fidelíssimo**, e isto para que, segundo o velho e já comprovado costume do povo romano, se tivessem como instrumento de servidão, até mesmo os reis.¹⁰⁰ (Tradução)¹⁰¹

Tácito fala do velho costume romano de “fidelizar” lideranças locais como clientes e com isso levar uma comunidade inteira à servidão. De acordo com Venturini:

O conceito de *fides* corresponde a uma ideia de confiança mútua e indica os laços recíprocos existentes entre aqueles que estão unidos por uma mesma *amicitia*. A *fides* relaciona-se ao cliente - ou *amicus* - e apresenta um duplo sentido. Ou seja, aplicando-se aqueles que são protegidos - *cliens* - designa a confiança colocada naquele que o protege - *patronus*; aplicando-se ao protetor - *patronus* - exprime a confiança que ele inspira. Assim, o caráter próprio da *fides* demonstra, concomitantemente, a existência de um dever entre patrono-cliente, denominado *officium*. O *officium* designa as obrigações recíprocas que se impõem àqueles que estão unidos por uma mesma *amicitia*. Esta relação tem por base um tipo de contrato fazendo com que a proteção concedida pelo patrono, deva ser paga pelo apoio que o cliente lhe presta em circunstâncias que se fazem necessárias e úteis. Nestas condições, o cliente torna-se devedor para com o patrono.¹⁰²

Esta prática de cooptação das elites estava fundamentada na *fides*. Através de negociação com as elites das províncias, o poder imperial romano conseguia se estabelecer nestas regiões. Muitas vezes sem necessidade de uso da força, mas apenas da diplomacia. Ao cooptar um líder, toda a comunidade que estava abaixo dele também acabava sendo envolvida por laços de clientela, que poderiam envolver tributação, comércio e cooperação militar e política. Tácito cita o exemplo do rei Cogidumno, que foi “fidelíssimo” (*fidissimus*) aos Romanos, contribuindo para esta prática.

⁹⁷ Vida de Agrícola 16.

⁹⁸ Citação original: His atque talibus in vicem instincti, Boudicca generis regii femina duce (neque enim sexum in imperiis discernunt)

⁹⁹ Ver Figura 5 deste capítulo.

¹⁰⁰ Vida de Agrícola 14.

¹⁰¹ Citação original: Quaedam civitates Cogidumno regi donatae (is ad nostram usque memoriam fidissimus mansit), vetere ac iam pridem recepta populi Romani consuetudine, ut haberet instrumenta servitutis et reges.

¹⁰² VENTURINI, 1998/1999, p. 300.



Figura 5 - Boadicea and Her Daughters (Thomas Thornycroft)^{103 104}

3.4.11 Sobre os Brigantes

Sobre os Brigantes, em “Vida de Agrícola”, Tácito se refere a eles (de forma direta) em duas ocasiões. Na primeira, ele diz o seguinte:

Logo que, porém, Vespasiano, com o resto do mundo, recuperou a Britânia, houve grandes chefes e excelentes exércitos, e diminuiu a esperança do inimigo. **Imediatamente Petílio Cerialis lançou o terror atacando a comunidade dos Brigantes, que é considerada a mais numerosa de toda a província. Houve muitos combates, e sangrentos, algumas vezes; uma grande parte dos Brigantes foi dominada, ou pela vitória ou pela guerra.**¹⁰⁵ (Tradução)¹⁰⁶

¹⁰³ Estátua do período Vitoriano, em homenagem a Boudica. Está localizada na Westminster Bridge. Do artista e escultor inglês, Thomas Thornycroft.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/picture/2012/jul/23/statue-boudicca-british-art>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

¹⁰⁵ Vida de Agrícola 17.

¹⁰⁶ Citação original: Sed ubi cum cetero orbe Vespasianus et Britanniam recuperavit, magni duces, egregii exercitus, minuta hostium spes. Et terrorem statim intulit Petilius Cerialis, Brigantum



Figura 6 - Estradas Romanas na Britânia¹⁰⁷

Segundo Tácito, Petílio Cerialis¹⁰⁸ teria atacado a comunidade dos Brigantes. Mas para que os Brigantes fossem derrotados teriam sido necessários muitos combates. Chama atenção duas coisas nesta narrativa de Tácito. Uma delas o fato de Tácito ter afirmado que a comunidade dos Brigantes (*Brigantum civitatem*) era *quae numerosissima*, ou seja, muito numerosa ou populosa, a mais numerosa da Britânia. Sua informação provavelmente se baseia em relatos dos Romanos que

civitatem, quae numerosissima provinciae totius perhibetur, adgressus. Multa proelia, et aliquando non incruenta; magnamque Brigantum partem aut victoria amplexus est aut bello. Et Cerialis quidem alterius successoris curam famamque obrisset: subiit sustinuitque molem Iulius Frontinus, vir magnus, quantum licebat, validamque et pugnacem Silurum gentem armis subegit, super virtutem hostium locorum quoque difficultates eluctatus.

¹⁰⁷ JONES; MATTINGLY, 2007.

¹⁰⁸ *Quintus Petillius Cerialis Caesius Rufus*: Ele participou da campanha que derrotou a revolta liderada pela rainha Boudica (ou Boudicéia) dos Icenos.

estavam alocados na região, pois ele diz que ela é assim considerada. Teriam sido as conquistas de Petílio Cerialis (ou a Guerra), que geraram um domínio romano sobre grande parte dos Brigantes. Aqui ele pode estar se referindo tanto ao domínio populacional, quanto ao domínio territorial. Pois ao utilizar o termo *Brigantum* (dos Brigantes) pode haver uma referência à *Isurium Brigantum*^{109 110}, o “centro administrativo” dos Brigantes, que aparece no *Itinerarium Antonini Augusti*^{111 112}. Ainda assim, é importante registrar que o território dos Brigantes não envolvia apenas *Isurium Brigantum*, mas sim toda uma região, onde a maior parte do território era agrário. Havia ainda a existência do centro urbano de *Eboracum*¹¹³, que também estava localizado dentro do território dos Brigantes.¹¹⁴

O segundo momento em que Tácito cita os Brigantes em “Vida de Agrícola” é numa transcrição do suposto discurso que teria sido proferido pelo líder Caledônio, Calgaco: “Os Brigantes, conduzidos por uma mulher, puderam incendiar uma colônia, tomar acampamentos e, se o êxito não tivesse dado em fraqueza, poderiam ver-se livres do jugo.”^{115 116} Precisamos partir do pressuposto de que não temos certeza se em algum momento Calgaco realmente proferiu esse discurso. E mesmo que tenha feito, não sabemos se foi feito com estas exatas palavras. No entanto, continuaremos a nossa análise entendendo este como parte de um texto de Tácito, que pode ser uma transcrição fidedigna de um discurso que realmente aconteceu, ou um discurso fictício totalmente construído pelo próprio Tácito como um artifício retórico, ou ainda uma transcrição de um discurso sobre o qual Tácito ouviu, mas que incluiu nele, consciente ou inconscientemente, acréscimos que dizem mais sobre ele próprio (Tácito) do que sobre o suposto autor do discurso, Calgaco. Ainda assim, de qualquer forma, foi incluído por Tácito em “Vida de Agrícola”, porque provavelmente ele entendeu que seria importante fazê-lo. Vemos inicialmente na fala de Calgaco, uma suposta diferenciação entre homem e mulher, o que talvez tenha sido um complemento acrescentado pelo romano

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://roman-britain.co.uk/places/isurium.htm>>. Acesso em 31 dez 2017.

¹¹⁰ Localizado na área da atual Aldborough, em North Yorkshire, Inglaterra.

¹¹¹ Disponível em: <http://roman-britain.co.uk/antonine_itinerary.htm>. Acesso em: 31 dez 2017.

¹¹² Itinerário Romano contendo as estradas e alguns assentamentos na Britânia.

¹¹³ Este centro urbano formava um espaço conquistado, no ano de 71 d.C., através das ações militares da 9ª legião romana contra os Brigantes.

¹¹⁴ HARTLEY; FITTS, 1988.

¹¹⁵ Vida de Agrícola 31.

¹¹⁶ Citação original: Brigantes femina duce exurere coloniam, expugnare castra, ac nisi felicitas in socordiam vertisset, exuere iugum potuere:

Tácito. Mas qual seria o argumento para isso? Vejamos, parece haver uma certa contradição com o que Tácito havia escrito anteriormente sobre a conduta política dos Bretões, quando diz que “os bretões não distinguem, para a chefia, sexos”, trazendo como exemplo para tal, Boudica.¹¹⁷ Assim sendo, não faz muito sentido e parece pouco provável que Calgaco tenha feito questão de destacar o “gênero” da líder militar dos Brigantes, enquanto poderia ter destacado seus adjetivos ou seu nome. Isto sustentaria o argumento de que este seria um “acréscimo” feito por Tácito. Mas prossigamos com nossa análise. Ele ainda diz que os Brigantes “puderam incendiar uma colônia” e “tomar acampamentos”. Faz sentido, na medida que *Eboracum*¹¹⁸, por exemplo, foi uma colônia (*coloniam*) romana no território dos Brigantes, onde inicialmente havia um *castrum* (singular de *castra*, palavra utilizada por Tácito) e que poderia se referir a um acampamento ou forte romano. Portanto, o discurso mostra-se verossímil, na medida que apresenta elementos que compunham o cenário descrito.

Outra informação importante presente na mesma frase é essa: “se o êxito não tivesse dado em fraqueza (*socordiam*), poderiam ver-se livres do jugo”. Não sabemos exatamente quem foi esta líder Brigante, mas podemos supor que poderia ser Cartimandua¹¹⁹, Rainha dos Brigantes¹²⁰, mencionada por Tácito em “Anais” e “Histórias”. Falaremos mais sobre ela no capítulo posterior. No entanto, esta informação também torna o discurso verossímil, já que os Brigantes poderiam ter sido considerados “fracos” pelos conflitos internos mencionados por Tácito, assim como uma possível cedência da liderança Brigante para a possibilidade de esta se tornar “cliente” dos Romanos e levar consigo toda ou boa parte da comunidade dos Brigantes, retornando eles ao “jugo” (*iugum*) romano. Algo perfeitamente plausível, já que, ainda em seu discurso, Calgaco teria dito:

“Credes terem os Romanos na guerra valor igual ao de sua licença durante a paz? Eles se tornam famosos por nossas dissensões e discórdias e aos defeitos do inimigo os tornam glória de seu exército; é ele formado de diversíssimos povos e, se o êxito o mantém unido, a adversidade o dissolve; a não ser que julgueis que os Gauleses, os Germanos e, que vergonha dizê-lo!, numerosos Bretões, que, embora apoiem com

¹¹⁷ Ver Figura 5 deste capítulo.

¹¹⁸ Ver Figura 6 deste capítulo.

¹¹⁹ As Histórias 3:45.

¹²⁰ Anais 12:36.

seu sangue a dominação alheia, foram mais tempo adversários que escravos, estejam presos a eles pela fidelidade, pelo afeto.”¹²¹ (Tradução)¹²²

Ele fala sobre o exército romano ser formado por diversos povos e sobre a fidelidade (*fide*) de alguns Bretões aos Romanos. “No próprio exército inimigo encontraremos gente nossa.”¹²³ ¹²⁴, ele diz. Aqui “gente nossa” ou “nossas mãos”, ou seja, a confirmação de que Bretões estavam sendo cooptados pelos Romanos, contribuindo, através de alianças políticas e militares, para o Imperialismo Romano na região.

3.5 Considerações

Como pudemos observar, Tácito se utiliza de uma série de elementos para “dizer” os Brigantes em “Vida de Agrícola”. São paralelismos, distanciamentos, aproximações e imagens que aproximam o leitor daquilo que Tácito tem por dizer. Embora custe a tratar diretamente dos Brigantes, este documento é rico em detalhes sobre os Bretões de forma geral. Apresentando considerações que dizem respeito não apenas aos Brigantes, mas aos demais habitantes da Britânia. Entendemos então os Brigantes como um dos povos da Britânia e que está unido aos demais dentro da narrativa de Tácito. Dentro da realidade apresentada pelo autor, os Brigantes estão conectados aos demais povos Bretões. Todos são encarados como bárbaros e como objeto da conquista política e militar romana.

Tácito não apenas fala sobre os Bretões, mas sobre a terra onde eles vivem. Informações que apontam para os interesses romanos na região. No final das contas, os Brigantes, os demais Bretões e a Britânia são utilizados por Tácito como ferramenta para construir uma narrativa que evidencie as conquistas romanas durante o governo de Agrícola nesta Província. Nada melhor do que utilizar um povo “tão numeroso” quantos os Brigantes para demonstrar a vitória e a imposição

¹²¹ Vida de Agrícola 32.

¹²² Citação original: An eadem Romanis in bello virtutem quam in pace lasciviam adesse creditis? Nostris illi dissensionibus ac discordiis clari vitia hostium in gloriam exercitus sui vertunt; quem contractum ex diversissimis gentibus ut secundae res tenent, ita adversae dissolvent: nisi si Gallos et Germanos et (pudet dictu) Britannorum plerosque, licet dominationi alienae sanguinem commodent, diutius tamen hostis quam servos, fide et adfectu teneri putatis.

¹²³ Vida de Agrícola 32.

¹²⁴ Citação original: In ipsa hostium acie inveniemus nostras manus:

militar romana na região. Assim, concluímos que os Brigantes são apresentados por Tácito como um povo numeroso, envolvido em revoltas, mas que acabou debaixo do jugo romano. Sendo utilizados em “Vida de Agrícola” em uma tentativa de perpetuar uma memória dos feitos romanos na Província da Britânia.

No próximo capítulo iremos aprofundar a análise sobre identidades dentro do contexto das obras de Tácito que estamos analisando.